

Ano II — N.º 71
11 de Dezembro de 1931
Preço 1 Esc.

reportagem

Semanário das
grandes reportagens



LER NESTE NÚMERO

OSCAR DUQUE
UM HEROI
DESCONHECIDO

"JOÃOZINHO DE
ALFAMA" emulo
de Rasputine

V. Ex. as não tenham duvidas!!!

OS

€:000.000\$00

DA

Grande Lotaria do Natal
estão à venda na feliz

Casa **CONDEIXA**

Bilhetes a..... 1.600\$00

Meios a..... 800\$00

Vigésimos a..... 80\$00

Cautelas a 21\$00 e. 12\$00

GRANDE PALPITE NAS CAPICUAS

6226 - 8228 - 9229

em frações ao preço de 22\$00.

ULTIMA LOTARIA DO ANO

a 31 de Dezembro

1.º prémio..... 1.000.000\$00

A venda desde já

Bilhetes a..... 420\$00

Vigésimos a..... 21\$00

(Pelo correio mais um escudo). Pedidos a

JOÃO CONDEIXA

21 - Rua do Arco Bandeira-211

(Próximo ao Rossio)

Grande palpite!

Misericórdia de Lisboa

Grande lotaria do Natal

Extracção a 23 de Dezembro, às 13 horas

PRÉMIO MAIOR

6.000 CONTOS

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda

bilhetes a..... 1.600\$00

meios bilhetes a.. 800\$00

décimos a..... 160\$00

e vigésimos a..... 80\$00

Pelo correio acresce o porte e registo

Lotaria do Natal

25 de Dezembro

6:000.000\$00

Bilhetes a.... 1.600\$00

Decimos a... 160\$00

Vigésimos a.. 80\$00

Cautelas a 21\$00 e 11\$00

Pelo correio mais 1\$00

PEDIDOS AOS CAMBISTAS

CAMPIÃO & C.^a

RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

CAMBISTA TESTA

O que mais sortes grandes das lotarias extraordinárias tem vendido deve ser o que este ano vende os

Lotaria do Natal

6.000.000\$00

Se quereis a vossa felicidade habilitai-vos nesta casa, que vende bilhetes a 1.600\$00, meios a 800\$00, vigésimos a 80\$00, cautelas a 21\$00 e 11\$00. Pelo correio mais 1\$00. Pedidos a CASTELO & DINIZ, Ltd. - 74, R. do Arsenal, 78 - LISBOA

Teatro Variedades

2 - SESSÕES - 2

A'S 20 1/2 E 22 1/2

O MEXILHÃO

Revista popular em 2 actos

RIR RIR RIR

BOM GOSTO

LINDA MÚSICA

Artísticos bailados por FRANCIS

TELEF 26537

AOS AUTOMOBILISTAS

FRILU

Aparelho indispensável a todo o possuidor de carros fechados. Em exposição na casa

RAMIRO PINTO & C.^a

RUA AUGUSTA, 146

Representantes: - GLARFEL & PREUSSUER, L.da

La go do Caldas, 8-10

V. Ex.ª precisa comprar um brinde?

VISITE A EXPOSIÇÃO DAS ARTES DECORATIVAS

E' o estabelecimento mais bem sortido no género.

E' a casa que apresenta sempre as mais lindas novidades.

Sempre os mais modernos serviços de mesa, os melhores talheres e os mais belos cristais.

RUA DO OURO, 280 a 284

Primeiro quarteirão próximo ao Rossio

TELEF. 25930

Homens & Factos do Dia

O amigo sem rosto

QUANDO pego na pena, dirigindo-me a toda a gente, à multidão, aos que me odeiam, aos que me estimam e aos que me são indiferentes, é afinal para êle, só para êle, que escrevo: para o meu leitor fiel. O meu amigo mais sincero não seguiria com tanta atenção e com maior disvelo a minha evolução jornalística e literária; não se regosijaria tão arrebatadamente com os meus triunfos efêmeros, não saüdaria tão espontaneamente as glórias (estas glórias breves do jornalismo, que vibram um dia e logo se esvaem no espaço infinito como os perfumes embriagadores) como êle, o meu leitor fiel.

Lá da sombra do anonimato onde teima em esconder-se, êle assistiu aos meus primeiros, incertos passos da estreia jornalística. A multidão ficou apática, voltando-me as costas com a mesma indiferença com que se volta uma folha de jornal. Êle, porém, o leitor fiel, acolheu-me com mal disfarçada emoção, pôs em mim toda a sua esperança e, como uma sombra, começou a perseguir de jornal em jornal, de revista em revista, de livro em livro, a carreira doida-da minha pena vertiginosa.

Sinto a sua vigilância benévola pesar no meu espírito. Se executo um trabalho fraco, logo me acode à ideia uma pergunta aterradora: «Que dirá de mim o leitor fiel?» Se, pelo contrário, num dia feliz, o pensamento desceu sem tropeços do cérebro ao papel, uma voz íntima segreda-me, quasi num cântico de alegria: «Hoje, sim. Hoje vai ficar contente o meu leitor fiel.»

E quem é êsse meu grande amigo sem rosto, que vela dia e noite pela minha carreira, que, sem uma palavra, sem um gesto, sem o éco de um murmúrio, me incita, me aplaude, me corrige se erro, me abraça se triunfo? Não, não é nenhum daqueles aduladores, falsos entusiastas, que me abraçam no Chiado e, mal volto as costas, me abocanham e

caluniam. Não, não é nenhum desses. O meu leitor fiel nunca disse mal de mim. Pelo contrário, se escuta uma conversa de desconhecidos em que o meu pobre nome fica mal ferido, êle intervem, interrompe, argumenta, defende-me, como se entre nós não houvesse apenas uma amizade fluidica—leve como um sopro, firme como rocha—, espécie de pacto espírita entre o mundo visível e o invisível. Quando realizo uma reportagem mais aplaudida êle não se cansa de entoar hinos à minha argúcia, à minha inteligência, ornando o meu espírito de qualidades excepcionais, formidáveis, que ditas em pleno rosto lograríam o prodígio de me fazer corar.

Êle não me conhece senão dos retratos inexpressivos publicados nas gazetas, mas fala de mim, da minha vida íntima, dos meus hábitos predilectos, dos meus desgostos, como se me tivesse criado de pequenino. Se me falece uma pessoa de família é sempre o seu cartão—o do leitor fiel—o primeiro que chega com palavras amigas, recomendações sensatas, para que não me deixe esmagar pelas catástrofes da vida. E como são bem mais consoladoras essas frases, que vêm do nada, do vácuo, da sombra, do mundo quasi irreal e imaginário onde êsse amigo se oculta, do que os abraços protocolares e o lugar-comum triste dos que me rodeiam. Aquele, que não conheço pessoalmente, cujo paradeiro igno-

ro e cuja sombra se esbate na sombra de tudo o que desconhecemos, êsse não me atraiçoa, êsse nunca descrê de mim porque sabe que é para êle que escrevo, bem ou mal é para êle que vão todas as palavras e todos os pensamentos que, gravados no papel, correm mundo sob muitos olhares indiferentes até encontrarem o seu olhar atento e com-

reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e critica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—	Esc. 11\$50
6	» » » 25 »	—Esc. 22\$50
12	» » » 52 »	—Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

preendedor. Eu te saüdo, amigo sem rosto, meu querido leitor fiel!

MÁRIO DOMINGUES

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



— Dizem que os japoneses cozinham o arrós de duzentas maneiras diversas...

— Que grande coisa! Também a minha mulher, mas... de nenhuma maneira se pode comer...

A arte de cravar o próximo

As vidas enigmáticas — A arte do «cravador» aristocrático — O sistema dos negócios e o «truc» da honradez — O «diplomata» e o seu «block-notes» — Uma viagem à Suíça... por «cravação» — Os pedinchões plebeus — O «tiro» do caixão.

«D E que é que vive A. de S.?» — perguntou alguém do nosso grupo quando o aludido, um moço ajantado, escanhado até à derme, enluvado, empolainado, florido, um mimo, nos saíu do passeio fronteiro, floreteando-nos a bengala como numa ameaça de duelo, ao mesmo tempo que nos sorria numa careta pretenciosa, caminhando sempre em grandes pernadas à laia de homem que tem todos os minutos do seu dia pautados, quadrículados, exigidos por mil ocupações. E o curioso que lançava a pergunta reflectiu ainda, em voz alta: «Por um lado anda sempre num virote, a sirandarr, apressado, saltitando de «café» em «café», de *restaurant* em *restaurant*, de confeitaria em confeitaria, de «chá» em «chá», de salão em salão. Frequenta todos os *clubs*, aparece em todos os teatros, não perde uma *première* de cinema. Ve-te a rigor; está em dia com todos os *vient-de-paraitre*, dá o braço às mulheres mais caras de Lisboa. Por outro lado não consta que tenha fortuna nem que remedeie a falta de qualquer pecúlio com alguma ocupação rendosa ou modesta...»

Resolvi elucidar a pessoa a quem o mistério de A. S. tanto intrigava: «A vida daquele cavalheiro pertence à fauna dos enigmas da capital. Como ele, há muitos. E' o mandrião filósofo, ou o *souteneur* das amizades e simpatias, e em qualquer das hipóteses, o *crava*, como se diz em calão. Em todas as artes existem génios e desageitados, vocações e negações, venturosos e más sinas, bons técnicos e ignorantes. Na arte de vender cautelas, plebeia, rastejante, modesta até ao extremo, surgiu um belo dia um mestre, um técnico, uma vocação, um especialista filosófico, o célebre «Cauteleiro Fardado». Outro qualquer, ao iniciar uma nova profissão, possuindo as aptidões que tem demonstrado, escolheria outra mais tentadora, outra cuja experiência alheia fôsse mais brilhante do que a dos desgraçados que passam a semana a berrar números, a inventar seduções e tentações, a lamuriar como os mendigos, a sofrer toda a casta de vexames, de azedumes, de ofensas, de despreços, para, ao fim e ao cabo, ganharem o insuficiente para um pouco de pão. Mas êle não mediu o ofício pelos seus colegas inferiores, sem categoria, sem imaginação, sem instinto... Estudou a psicologia do público, observou-lhe as fraquezas, buscou o melhor sistema de se insinuar, de suggestionar, de vencer, de chamar a atenção, fôsse pelo ridículo fôsse pela simpatia, e ei-lo, triunfante, a arrancar dum negócio de miséria lucros quantiosos.

superior, muitas vezes, a um bom ordenado. Mas não são os únicos—nem os mais curiosos, nem os mais perigosos. Da categoria de A. de S. conheço bastantes—embora poucos tão perfeitos, tão profissionais, tão activos como êle. Creio mesmo que amealha parte dos seus rendimentos, que faz pecúlio para a velhice...

A. de S., muito novo ainda, decidiu gozar a vida o melhor possível e sem queimar o físico em trabalhos estafantes. Estudou a arte de «cravar» o próximo como o «Cauteleiro Fardado» a arte de impingir bilhetes de lotaria—concluindo que a matéria prima do ofício eram as boas relações, os amigos endinheirados, os conhecidos com fortuna; e como para conquistar essas relações era necessária uma boa apresentação—começou por «cravar» alfaiates, camiseiros, sapateiros, etc... A seguir, lançou-se no negócio, trepando, invadindo, acercando-se, deschapelando-se, beijando as mãos das



damas, lisonjeando, sorrindo, fazendo espirito, estando de acôrdo com todas as opiniões, trazendo e levando recados, aceitando todas as situações, as mais ignominiosas. Ainda hoje, raro é o dia em que A. de S. não consegue dois ou três novos amigos. Mal descobre um «possível cravado» não descansa enquanto não o aborda, não se apresenta, não o conquista. E como é hábil e bom psicólogo, não se precipita, não desflacha imediatamente o «tiro». Deixa correr semanas, meses até; espera que o novo conhecido passe a amigo, que se ofereçam uma ou duas ocasiões de inventar serviços, que haja vários pretextos de se mostrar «bom rapaz», rapaz que vive à larga, rapaz que não precisa de trabalhar. E só depois de toda esta trajectória é que êle prepara o primeiro «tiro» —mas prepara-o tão minuciosamente e inteligentemente que nunca falha. A causa varia conforme a vítima: umas vezes é a mesada que não chegou; outras é um amigo que está tuberculoso e precisa de ir para um sanatório (que A. de S. —afirma— é incapaz de pedir para si, seja o que for...); outras ainda é um mau amigo que lhe pediu o aval para uma letra, que não a pagou no vencimento, e êle prefere a morte a ter o seu nome honrado pela lama... E como é bom pagador, no dia prometido, apresenta-se ao «cravado» (muitas vezes sem um vintem no bolso), pronto a pagar; mas... se não fôsse abusar, se não lhe causasse muito transtôrno, a êle fazia-lhe grande arranjo adiar por uns tempos aquela liquidação... «Mas veja lá... Se quer... Eu venho prevenido com o dinheiro e êle é seu!» Um amigo meu que o vigiou, o seguiu, o estudou com curiosidade, calcula que, na perfeição técnica que êle atingiu actualmente e com a sua organização metódica de clientes (deve dispôr de algumas centenas de relações), tire uma média de 3 a 4 mil escudos mensais. Se êle quisesse, podia triplicar a sua receita, sem grande esforço, mas prefere, e com razão, menos certo do que *multo* que possa esgotar o filão. E' que assim êle nunca «crava» o mesmo indivíduo mais do que duas ou três vezes ao ano — com intervalos suficientes para esquecerem ou para que qualquer má impressão que lhes cause possa ser apagada.

«Mas há outros... muito piores. Um conheço eu que até finge trabalhar para ter o pretexto de *cravar* o próximo. Mas as suas *cravações* nunca são inferiores a 40 ou 50 contos. Tem sempre

um grande negócio entre mãos... Leva meses a preparar o salto. E a sua técnica é tão moderna que está dentro dos seus calculos financeiros o orçamento para preparativos, o pagamento *pontual, honrado, exacto*, de uma parte do dinheiro que lhe... emprestam — *truc* que êle usa para fortalecer o crédito...

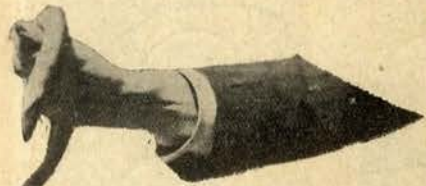
«Em Madrid relacionei-me com um cavalheiro de alto coturno, um verdadeiro *gentleman* que era diplomata... por *cravação*, que confessava com todo o orgulho que jámas gastara uma peseta que fôsse sua. Os fatos elegantíssimos, a flor da lapela, o próprio monóculo eram... *cravados!* O *appartement* onde vivia há muitos anos era *cravado*. E o senhorio ainda lhe ficava muito grato por ter a honra de hospedar o sr. coronel...»

«Usava um pequeno e luxuoso *block-notes* onde marcava as pessoas a *cravar* com o jantar, almoço, ceia, chá, lanche, de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro. E se o convidavam para um hotel de segunda ordem, recusava-se a ir! E os gerentes e os *maitres de hotel* tratavam-no com uma consideração superior à que lhes merecia o *cravado*, como se fôsse êle e não outro o pagante. Uma tarde chamou-me pelo telefone para ir ter com êle a casa. Lá me baixou estava um «taxi» com uma mala. — «Pedi-te o favor de vires cá para me acompanhares até à *gare* e me pagares o «taxi». *Cravel* uma viagem até à Suíça, com estadia de dois meses, mas não posso esbanjar o pouco dinheiro que levo comigo em pequenas despesas!»

«Os pequenos *cravadores* também oferecem pitoresco. Aquele desventuroso «Burnay de pataco», sempre fidalgo, mesmo quando rastejava na miséria, foi um exemplo. Ultimamente usava um rectângulo de cartão onde escrevera em caracteres garrafaes: «Empresta-me 5 tostões!»; e como já não o deixavam formular o tiro, entrava nos «cafés», esperava que o olhassem e então exhibia-lhe o cartão. Se o focado abanava a cabeça, voltava o bilhete, lendo-se no verso: «E um tostão?» Existe um artista que é célebre pelos «tiros» que inventa. Chamam-lhe o «Procurador Geral da Corôa». Em Barcelona, o rei do «tiro» era um rapaz, aliás um poeta com talento, Lorian Pajol. Todos fugiam dele... Uma tarde entra num «café», enluvado numa capa à espanhola, e, ao contrário do costume, senta-se numa mesa afastada. Estranharam-lhe a atitude. Acercaram-se dele, perguntando com curiosidade o que era que tanto preocupava: «Mi pobre hijito se ha muerto de hambre!» — exclama, estorindo num pranto ruidoso. — E não tenho dinheiro sequer para o enterrar!» Dizendo isto abriu a capa, mostrou um caixão pequeno e preparando-se para abri-lo, acrescentou: «Querem ver o anjinho?» Toda aquela gente, que estava a meio da digestão do almoço, o agarrou, para que não abrisse o caixão, e todos lhe deram umas pesetas. Escusado será dizer que o caixão estava vazio e que o *cravador* genial, ao fim do dia, repetindo a farsa trinta vezes, reünira algumas centenas de duros...



R. X.



«O mesmo sucede com os... «cravas». A nossa visão sobre estes indivíduos é por tal forma dogmática que só os admitimos do tipo grosseiro, dos que saltitam de passeio em passeio, à caça de caras desconhecidas para lhes fonografiarem uma histórica tragédia ou lhes exibirem uma cautela de prego, sempre pronta, sempre à mão, ou simplesmente para lhes dispararem, à queima-roupa: «O coisa... empresta-me cá cinco c'rdas!» Existem, de facto, profissionais desse género de «cravação» reles—formando a legião mais numerosa e distinguindo-se alguns pelo engenho ou pela actividade que lhes proporciona um rendimento invejável,

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias

O FAMOSO DR. PAWEL

Um aventureiro desmascarado

Um polaco que falsamente se intitula doutor — Grandes negocios — Centenas de comerciantes — O «ninho» do milhafre — Uma actividade prodigiosa — Se êle tivesse os dois braços?



Já tivemos ocasião de nos referir a um famoso dr. Pawel, explicando no nosso n.º 69 a mecânica dum «Serviço de Capitalização» por êle ideado, no qual os indivíduos que pediam o empréstimo é que pagavam sempre importâncias que êle nunca restituía.

Bem engendrado, fazendo honra ao bestunto que o inventou, o «Serviço de Capitalização do dr. Pawel» era e é um pequeno «Angola e Metrópole» de que êle recolheu fartos lucros que lhe permittem estadear pela cidade a sua preciosa inutilidade.

Mas antes de continuarmos, antes ainda de explicarmos novas e engenhosas burlas que farão inveja ao autor do «Manual do Perfeito Escroc», queremos já aqui fazer uma rectificação ao que escrevemos no anterior artigo que ao cavalheiro dedicámos. Dissemos que êle se não chamaria Pawel, e que, naturalmente, usava dêste nome para *camouflar* as tranquiébernas em que sempre tem andado envolvido e que são o seu modo de vida e a razão de ser da sua existência. Mas damos a mão à palmatória. O tal Pawel existe em carne e osso e — pasmem os leitores! — é até quasi vizinho da nossa redacção. Chama-se Pawel Drozdinski e deve ser já bastante conhecido pelas suas malas artes, tendo em vista a quantidade de cartas que a seu respeito temos recebido desde que publicámos o último artigo que se lhe refere.

A sua actividade não tem limites, sendo inúmeros os seus negócios. Cada um dêles é uma tranquiéberna a juntar às muitas que êste polaco tem feito.

Com sacrificio e bastante trabalho conseguimos saber onde êle tem o seu escritório, antro mais ignominioso que a célebre caverna de Caco e onde se têm assaltado mais cidadãos desprevenidos do que no Pinhal da Azambuja, que ao pé do escritório do cavalheiro, na Rua das Flores, 105, 3.º, Dto. — êle é nosso vizinho, vejam a sua pouca sorte — é um paraíso povoado de serafins, mesmo no tempo em que se justificava a fama que ainda hoje tem.

As suas burlas, sempre bem architectadas, são armadilhas em que caem sempre numerosos desprevenidos. Nos «Serviços de Capitalização» sabemos que os burlados se contam por algumas dezenas, mas outras burlas o cavalheiro accionou, as quais superam, talvez em engenho, aquela.

Por exemplo os *bonus* *fotográficos gratuitos*, secção S. O. D. B. F. G., como o cavalheiro diz no papel trimbrado da sua agência. Aquelas iniciais querem dizer Secção Organizadora de Bonus Fotográficos Gratuitos, e com ela burlou, só em Lisboa, centenas de comerciantes. Qual a mecânica desta trapaça? O dr. Pawel — êle diz-se dou-

tor para impor a sua pessoa — dirigia-se a vários comerciantes e vendia-lhes, ao preço de um escudo cada, alguns maços de senhas para estes distribuírem gratuitamente pelos seus clientes, as quais davam direito — era o dr. Pawel que o dizia — a tirar gratuitamente uma fotografia em duas casas da especialidade que êle indicava, gratuitamente, formato bilhete postal.

Resultado de tão vantajoso negócio? Os tomadores de senhas eram burlados porque faziam as suas compras contando com uma fotografia que não podiam tirar, pois que o famoso dr. Pawel nunca pagou aos fotógrafos; eram burlados os comerciantes que forneciam as senhas pois que, inconscientemente, enganavam os fregueses e porque tinham comprados algumas dezenas de papeis, os tais *bonus*, que nada valiam; eram, ainda, enganados os fotógrafos que chegaram a tirar algumas fotografias, das quais nunca viram vin-tem.

Vêem os leitores um negócio famoso onde dezenas de pessoas eram burladas e uma só arrecadava os lucros de tão peregrino negócio: o dr. Pawel.

Um dos burlados, o sr. José Pereira de Sequeira, com mercearia e confeitaria na Travessa do Mato Grosso, n.º 93, no Bairro da América, comprou senhas de *bonus* fotográficos, que pagou directamente ao dr. Pawel, na importância de 125\$00, e o recibo passado áquele conhecido comerciante tem o n.º 1196. Havia, pelo menos até áquella data, 1196 pessoas burladas pelo mesmo processo e que choram agora o seu dinheiro.

Mas não ficam por aqui os negócios do dr. Pawel, que para mais êle tem arte e jeito. Além desta secção, muitas outras tem o seu escritório, e cada uma delas é uma burla. Os «Serviços de Capitalização», a «Agência de Casamentos», o jornal mensal «Hymeneo», há anos em organização, e outras secções, são várias armadilhas aos incau-

tos. Mas êstes são os negócios que êle anuncia, que audaciosamente reclama em impressos, que a tanto chega o impudor deste estrangeiro que se meteu em nossa casa para nos vigiarizar.

Mas há outros negócios, mais repelentes e mais criminosos ainda, aos quais a sua audácia, a pesar-de ser muita, se furta de fazer reclamo.

A uns e outros nos referiremos em futuras reportagens.

No entanto não podemos deixar de exteriorizar um pensamento que há muito nos acode aos bicos da pena: Êste cavalheiro de indústria, que se diz polaco e mutilado de guerra, tem um só braço e desenvolve uma tão prodigiosa e criminosa actividade.

O que não sucederia se êle tivesse os dois braços?

COSTA JÚNIOR



Pawel Drozdinski

A tragédia dos anúncios

OS LEITORES já repararam bem o que representam as páginas de anúncios dum grande diário?

E' a tragédia diária em toda a sua plenitude: a mulher que por motivo urgente pede um empréstimo a cavalheiro de respeito; o pai que avisa que lhe fugiu de casa uma filha; Fulano perdeu uma quantia importante e terá que ir para a cadeia se lha não restituem; agiotas que emprestam ao juro módico de... 120 por cento ao ano; ofertas de emprego que são ciladas. E' a vida em todas as suas cambiantes, com as suas dores, as suas tragédias, as suas misérias e heroísmos ignorados. A página de anúncios dum jornal é uma janela aberta para a vida onde quem saiba ler nas entrelinhas e conheça a vida vê de quanta lama são feitas certas almas.

E se há os anúncios maus, os que representam uma cilada, mais traiçoeiros que a lâmina de um navalha, há os outros, felizmente, os que são a antítese dêstes.

Entre os que estão nestas condições destaca-se a *Casa Mendonça L.da*, com séde no Rossio, 47, 1.º, conhecida em Lisboa e no país pela sua honestidade e pelo interêsse que toma pelos clientes.

Só ali se encontra uma boa *colocação de capitais*, e a *Casa Mendonça* é a melhor para a compra e venda de prédios rústicos ou urbanos, por isso a preferida do público.

Bruxos e magos

O «Joãozinho de Alfama», émulo do sinistro Rasputine

Um falso padre sugestionava crédulas mulheres às quais tem apanhado importantes quantias



LEMBRAM-SE os leitores de Rasputine, o monge sinistro da Rússia czarista que, mercê dos seus sortilégios e do poder de sugestão de que dispunha, chegou a ter tão grande influência no país das neves que só abatendo-o os nobres da corte se livraram do seu despotismo e livraram o país do seu poder maléfico.

Pois em Portugal, nesta grande e pacata aldeia que é Lisboa, tem Rasputine um émulo que, embora com muito menos talento e menores ambições, dispõe de igual quantidade de manha e poder de sugestão, de que se serve para buscar os incautos, curando todas as doenças e todos os males, «os do corpo e os do espírito», inclusive o mal de amor... tudo em troca de avultada esportula.

OS BRUXOS RENASCEM

Há tempos a polícia deu batalha campal aos bruxos, cartomantes, mulheres de virtudes e exploradores de artes correlativas, e venceu. Muitos foram presos e bastantes condenados a severas penas. Mas a perseguição não podia durar sempre, pois a polícia tem mais que fazer, e logo que afrouxou a sua vigilância voltou a renascer das cinzas, como a lendária Phoenix, a fauna dos profissionais das artes mágicas, e com eles a multidão dos vigarizadores.

Os jornais já anunciam homens e senhoras de ciência infalível atraindo aos seus consultórios, que não passam de verdadeiras ratoeiras, os ingénios que dali acabam sempre de sair desiludidos e... com algum dinheiro a menos.

QUEM É O «JOÃOZINHO DOS MILAGRES» E O SEU «CONSULTÓRIO»

No nosso volumoso dossier destinado a arquivar casos deste género, um nome se destaca em berrantes caracteres vermelhos. Trata-se do Joãozinho dos Milagres, com consultório na rua Castelo Picão, 37, 1.º, em Alfama, o que justifica que lhe chamem também o «Joãozinho de Alfama». E, gratuitamente — aqui, o reclamo que pode aproveitar a muita gente, e até à polícia... —, é infinito o número de tolos.

O nosso Joãozinho — salvo seja! — é um sujeito de 27 ou 29 anos, boa idade para trabalhar, franzino, de aspecto doentio, atitudes estudadas, andar vagaroso, olhar vago, sempre abstracto a tudo quanto o rodeia. Um tipo estudado e perfeito, julga ele, de apóstolo, mártir ou profeta.

Visitámos na referida morada o seu consultório, onde recebe inúmeros clientes, e que é, simultaneamente, o templo onde celebra, com uma liturgia ridícula, a sua missa negra.

Para o efeito paramenta-se de sacerdote da religião católica, tem um altar em casa e as paredes cobertas de oleografias de santos.

E ali que ele obtém a cura de todas as doenças e remedeia todos os males, conquistando entre a vasta clientela o apodo de «Joãozinho dos Milagres».

Há uma perna partida? Um amor mal correspondido? Uma doença incurável? Uma herança a receber? Um caso moral complicado? Nada disso tem importância, que para o Rasputine português não há casos impossíveis nem mesmo difíceis. Paramentado, frente ao altar, desde que o cliente pague, o «Joãozinho de Alfama» consegue sempre, com as suas rezas de liturgia complicada e ridícula, resolver os mais intrincados problemas.

E vê-lo então, de olhos em alvo, mastigando um latim que não vem em nenhuma selecta, invo-

car os poderes excepcionais de que se diz revestido, enquanto as devotas do novo monge caem de joelhos, clamando que foi feito o milagre.

Que ridículo, se não causasse tão grande tristeza vêr como o impudor e a audácia podem triunfar e como este bom povo é fácil de sugestionar. Assim, envergando falsamente a batina de vigário de Cristo, ele vai vigarizando a clientela que, sugestionada, o julga um sêr excepcional, feito de matéria diferente deste barro frágil de todos os humanos, e se julga obrigada a manter o santinho com as suas dádivas.

O «HIGH-LIFF» NÃO DESDENHA DE PASSAR POR ALFAMA

A pesar da rua Castelo Picão ser uma viela suja e estreita da castiça Alfama, a freguesia que diária-

Uma fortaleza que pode resistir a todos os exércitos

... nos subterrâneos de um prédio de Paris

O BANCO DE FRANÇA, AS SUAS IMENSAS RESERVAS EM OURO E COMO AS DEFENDE

A rua, em si, embora espaçosa e lisa como um parquet, não difere de milhares de outras ruas parisienses; o prédio, embora exiba uma elegância sóbria, nobre e quasi moderna (data de 1660 e já no século XVII os arquitectos franceses adivinhavam os nossos gostos), tão pouco se salienta do casario médio da grande cidade... E contudo, sob os pés do transeunte desprevenido que atravessar essa rua e passar frente a esse prédio a vinte e cinco metros abaixo do asfalto, ameam-se tesouros no valor de 6.000.000.000.000 de francos em lingotes reverberantes empilhados em verdadeiras pirâmides, formando a maior acumulação de ouro da actualidade e a segunda através de toda a história universal — algo como uma pequena



Alaska, suficiente para atrair a cubiça das multidões de exploradores. E contudo, nos subsolos daquele prédio banal, que é o Banco de França, existe, sem que nem ao de leve transpareça, uma fortaleza tão complexa, labirintica, couraçada, muralhada, tão cheia de

O Banco de França

(Conclue pag. 18)

mente ocorre ao consultório do bruxo não se compõe apenas de gente pobre do bairro. Nada disso. A maioria das pessoas que frequentam a casa do falso padre, o émulo português de Raspoutine, é de pessoas de alta categoria social, algumas das quais com o nome no *carpet mondain* dos diários, não sendo raro vêr estacionar no largo próximo alguns automóveis luxuosos que aguardam as clientes «chics».

No templo misterioso de Alfama reúne o *Santinho*, diariamente em sessões misteriosas, dezenas de pessoas, principalmente senhoras, e quasi sempre novas, que, atraídas por inexplicável sugestão, ali vão procurar remédios aos seus males.

De que força misteriosa e oculta ele se servirá para ter amarradas a ele, escravas da sua vontade, tantas simpatias, envoltas numa adoração cheia de misticismo exótico?

Mas, por mais forte que seja a poder de sugestão do emérito farsante, não é tão forte que lhe consiga evitar alguns desastres. Uma vez consultou-se com o bruxo a sr.^a Joaquina dos Santos, que mora próximo, que se lhe queixou que o marido se embebedava quasi diariamente. Como para tudo, o falso padre também para este caso conseguiu remédio. Bastava que a sr.^a Joaquina lhe levasse uma camisa do marido para ele benzer e lhe pagasse dez escudos, e tudo estava arranjado. Não esteve, no entanto, pelos ajustes o marido da senhora Joaquina, que ao bruxo pregou uma das maiores sovas que ele tem apanhado. E comenta ela pitorescamente:

— Milagre foi o bruxo escapar, porque lá a bebedeira...

A MISSA DA MEIA NOITE

No mesmo prédio em que habita o «Raspoutine de Alfama», no 2.^o andar, vive um honrado operário calafate, que nos contou que por vezes, à meia noite, uma fumaceira enorme lhe enche o quarto, impedindo-o de dormir, porque no andar de baixo o



Raspoutine, o monge sinistro da Rússia czarista

Joãozinho está fazendo a missa da meia noite, invocando S. Cipriano, num ritual estranho e absurdo que tem tanto de ridículo como de misterioso.

O «JOÃOZINHO» FAZ MILAGRES AOS DOMICÍLIOS

Como é grande a clientela do mago de pacotilha, e nem todas as pessoas se querem sujeitar a esperar algumas horas no consultório para serem atendidas, chamam o *Santinho* a casa como podiam chamar um médico ou um padre, para casos morais ou físicos. E nada perdem com isso, pois que, embora seja mais caro — o Joãozinho faz-se pagar bem —, não ficam pior servidas. É tão grande o seu poder que já distribuiu milagres aos domicílios. Todos os dias ele vai a uma casa da Rua da Escola Politécnica tratar uma senhora de 18 anos, filha do sr. M. C. F., conhecido comerciante, que lá já alguns anos se encontra entrevada.

Portanto, não hesite o leitor. Não há já impossíveis e não lhe é preciso sair de casa, para que o milagre se realize. Vai, num pulo, à Rua Castelo Picado, 37, 1.^o, e daí a pouco recebe a visita do *Santinho*, do milagroso sacerdote, que tudo consegue, principalmente... algumas notas da carteira.

Aqui fica a indicação — que lhe pode aproveitar... e aproveitar à policia.

IDÍLIO FERREIRA

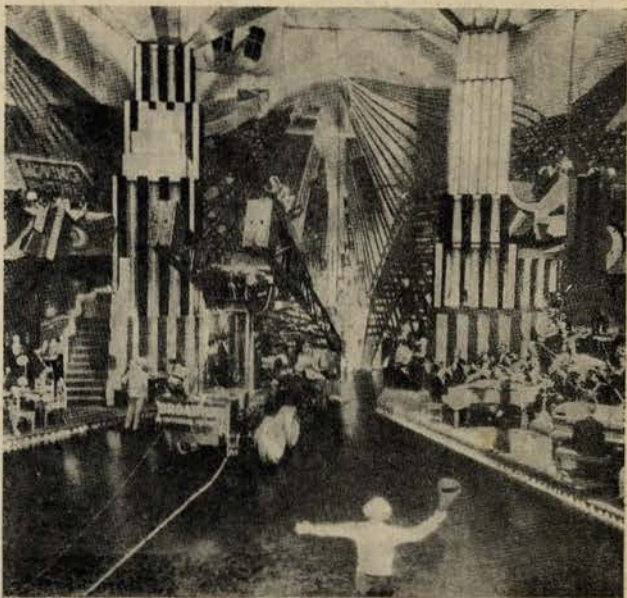
Quanto custa e como é feito em Hollywood um «film-féerie»

Dos três contos que o «Trindade» gastava na montagem das mágicas ao orçamento dum quadro do «Rei do Jazz

«A Actualidade» de 5 de Outubro de 1873 pasmava a...

luas colunas porque o empresário do «Trindade», de Lisboa, o sr. Paula, arriscara quasi 3 contos na montagem duma mágica, «Sete de Espalhas», e afirmava que essa proeza era «inédita» nos annos do teatro! Anos depois, quando Sousa Bastos gastou 6 contos com «Ali... à preta» e Lucilla Simões oito, com «M.me Sans-Gêne», o público delirou. No principio do século, foi discutida como um escândalo a *mise-en-scène* da «Vénus» e das «Viagens de Gulliver», em que o Visconde de S. Luiz queimou 12 e 15 contos, respectivamente! Hoje em dia, 100 ou 200 contos na montagem duma revista tão provoca a mínima noção. E em Paris, no «Folies-Bergères», no «Casino», etc., uma *féerie* não fica nunca por menos dalguns milhões de francos, pagando a empresa, todas as noites, 50 mil francos de despesas. Mas o que são esses records teatraes, de há 53 anos para cá, comparados com os esbanjamentos de Hollywood na realização das *féeries* cinematográficas?

Longe vai o tempo em que o «Pathé» se desesperava quando um *film* lhe ficava por mais de 12 francos o metro! Mas ainda há poucos anos um *film* mudo que exigisse 50 ou 100 mil dólares merecia reclamo especial.



O cinema sonoro, que os americanos acolheram com entusiasmo, julgando salvá-los na dilatação continua dos orçamentos a que a concorrência os obrigava, agravou as exigências da «*mise-en-scène*». O êxito que a primeira revista-*féerie* obteve animou-os a intensificar este género. Em 1930, Wollywood viveu quasi exclusivamente de *féeries* mas ficaram todas muito mais caras do que o mais caro e espectacular *film* mudo. Além disso foi necessária uma metamorfose completa de material, de *studios*, de pessoal, de técnica, de orientação, e só essas transformações custaram verdadeiras fortunas.

A experiência foi feita com *Broadway Melody*, que custou 2 milhões de dólares (40 mil contos) e que logo nos primeiros meses de exhibição rendeu 4 milhões! Só num pequeno quadro do *King of Jazz* — «A Rapsódia Azul» — gastaram 150 mil dólares. E para que se tenha uma noção do valor desses esbanjamentos, vamos revelar o que é a trajectória dum *film-féerie* desde a concepção até à realização.

As *féeries* não têm autor. O verdadeiro autor é o realizador. Éste, contudo, contrata vários escritores e aproveita d'este ou daquele algumas ideias — que paga. A seguir chama dez, doze compositores de fama, expõe-lhes os seus planos, o ambiente



(Continua na pag. 18)

LISBOA DESCONHECIDA

OS "CABARETS" DO FATALISMO

Do «Café-Cantante» à luminosidade da vida moderna

Os sarcos voltaicos da civilização, com a *féerie* modernista, incidiram os projectores do século sobre o velho burgo, a Mouraria esfarrapada e suja onde o Fado, através o escorropichar dos copos ennegrecidos do vinho, esteriotipava o fatalismo da raça em baladas doentes, de aguda neurastenia. A luminosidade da T. S. F. e a garrulice dos «parleurs» fizeram emudecer a artéria que, na imaginação do sr. Júlio Dantas, fez arrastar Vimioso por uma cigana fresca, de olhos canalhas e fascinação de mágica. Da velha Mouraria já nada existe. O túmulo guarda o antigo burgo. E os «Cafés-Cantantes», os «cafés das camareiras» e dos rufoes ocupam nêss túmulo a prateleira dos abencerragens. A Mouraria morreu para o Fado e finou-se para os «Cafés-Cantantes». Dela ficaram as tabernas sórdidas a que a electricidade não consegue dar alegria nocturna e alguns «cafés» de «lepes» cuja frequência é ainda uma reminiscência, já estilizada, da velha fancaria fadista.

Estilizado o Fado, com a emigração do «Corrido» do «Mouraria» e do «Menor», indumentado de modernismo o fadista com a prescrição das calças à boca de sino e das botas afiambreadas, o «Café-Cantante» teria de evolucionar, transportar-se em rajadas da Mouraria para um Montmartrebizarro, aparecendo-nos no *cabaret*, engravatado e de *smoking*. E como o homem é o animal dos hábitos, esqueceram para os apaixonados da canção os «Cafés-Cantantes», deixaram de se ouvir nas tabernas escuras os gemidos da guitarra, morreu o amorismo do Fado, e os fadistas passaram ao profissionalismo como artistas de variedades, reconhecidos pela Inspeção Geral dos Espectáculos.

Lá para as bandas dos Anjos soluçam as guitarras sem escaravilhas, em uma casa que tem esta estupenda designação: a «Catedral do Fado». No interior a «aficion», em beatífica prostração, entrega-se a exhibições ruidosas. Há frases agrestes como silvos do vento, motejos crueis como alfinetadas velhacas, exteriorizações quasi doentias. Mas quando as lampadas deixam ver o filamento e umas

luzes vermelhas acordam, faz-se um silêncio severo, o silêncio das grandes catedrais. Não se presta culto à Virgem. Mas rende-se preto ao Fado. Euterpe passa pelo dedilhado do guitarrista, cujas mãos já foram calosas. E Apolo cristaliza em algumas gargantas secas de «cultivadores». O ambiente de tabaco queimado esculda. Entram e saem



...uma assistência mais ralê, de pornográfica linguagem...

contorcionistas do vício, lábios escandalosamente pintados, olheiras fundas traçadas a lápis. E o *cabaret* enche-se sempre, porque o Fado é a alma do povo para muitos estados psicológicos.

Na Avenida da Liberdade quasi o mesmo cenário, noutro *cabaret* de fados. Mesas quasi empilhadas, ao fundo um balcão e à esquerda um palanque com duas cadeiras. Um braço ergue-se ao quadro da comunicação eléctrica, um ruído metálico do interruptor e a luz clara desaparece,

ficando apenas suspensas, como pequenos balões de crianças, umas lâmpadas vermelhas. Pequenas notas musicais desprendem-se das cordas da guitarra, o tronco de um rapaz bojudo é quasi coberto pela viola e uma cantora de chale, também vermelho, apoia os braços nas costas das duas cadeiras. Ouve-se um *chlo* imperativo. O fado-canção espantilha o silêncio durante alguns minutos e uma revoada de palmas cobre de aplausos os «artistas». Há bisados. Naquele guizado de folclore, a assistência olha embevecida a mulher que mordisca alguns versos de belo sabor. Pelo Fado têm passado bons poetas, mas péssimos, terríveis mesmo, cantadores, de horrível dicção e garganta roufenha. Todavia, a multidão gosta, diverte-se imenso, comprime-se naquele ambiente que já não tem «camareiras», mas que alimenta pessoas que abandonaram as profissões desde que se industrializou o Fado.

A Boa Vista tem outro carácter, mais próximo do passado, menos civilizado do que o da Avenida. É mais «bas-fond», possivelmente mais degradado para o Fado. Há ali uma reminiscência de «camareiras», mulheres que servem às mesas de bata branca, uma de óculos com aspecto de freira foragida e transviada, uma assistência mais ralê, de pornográfica linguagem e atitudes de viola. A canção sofreu tratos brutais dos cultores que se fizeram ouvir, e um ventríloquo que seria curioso se não confundisse a aritmética com a gramática e não esmagasse esta, entretém a assistência com o picaresco de sua linguagem e a graça do seu outro eu.

Por outros lugares, mais *cabarets* recolhem os apaixonados do Fado. O fatalismo da raça, consagrado pelo lugar-comum, distende ali as suas revivências. Tem carácter e talvez algo de pitoresco e um pouco de neurastenia meridional. Não descerá às necropoles como o «Café-Cantante» porque está enraizado nos costumes e gosto do povo e faz parte integrante da educação de certa camada social. O Fado é o fado da existência dos infelizes.

ALFREDO MARQUES

O "GALO DE OURO"

Da necessidade da sua existência, a propósito de algumas campanhas que se esboçam

VÁRIAS vezes nos temos referido aqui à Lisboa provinciana em que habitamos, *camoufada*, aqui e além, com uns laivos de civilização. A esta Lisboa, capital de Portugal, falta-lhe tudo quanto é preciso para ser uma cidade da Europa de 1931.

Que há entre nós que faça lembrar a agitação e a vida trepidante de Paris ou Buenos Aires? Que temos nós para oferecer ao turista que não sejam umas horas de aborrecimento?

Em todo e qualquer país, mesmo naqueles que, como o nosso, se não rotulam de países de turismo, existem os chamados centros de atracção, locais que os visitantes procuram e onde, num ambiente apropriado, se lhes oferece algumas horas de honesta e salutar alegria.

E entre nós?

Os chamados *clubs* são casas onde todos vão à espera que alguém se divirta e de onde todos saem desapontados porque ninguém se divertiu.

Os teatros e os cinemas, com a crise que os ataca e lhes paralisa os movimentos, não são divertimentos que impressionem, pois que até estão arredados da chamada vida nocturna.

Depois disto, o que resta? Os bocejos de aborrecimento numa cidade onde todos se aborrecem.

Tudo isto se modificou, dentro do possível, com o aparecimento do *Galo de Ouro*, o artístico *cabaret* que toda a Lisboa conhece. É uma casa de divertimentos que por si só consegue modificar o aspecto da cidade impõe-se à nossa consideração.

Mas há mais factos a impô-la à nossa consideração. É que o *Galo de Ouro* mantém perto de 100 empregados. Nesta época que atravessamos, de agudíssima crise económica, que todos os países atravessam, é um facto que merece ser ponderado e que tem que ser levado em linha de conta sempre que de casas deste género se trate.

O próprio Estado cobra do *Galo de Ouro* avultadíssimas contribuições e a Assistência Pública, as crianças e os velhos dos asilos, desamparados da sorte e destroços da vida têm daquela casa um dos seus mais avultados auxílios. E assim, ao mesmo tempo que procuram um pouco de alegria e de arte, que noutro local de Lisboa será difícil de conseguir, os frequentadores do *Galo de*

Ouro concorrem para aumentar as receitas do Estado, evitam o desemprego duma centena de pessoas e contribuem, de uma maneira eloquente, para auxiliar os asilos e casas de caridade, que bem precisam desse auxílio generoso, nesta época de aguda crise.

Por todos estes motivos se justifica a necessidade da existência do *Galo de Ouro* e de casas semelhantes, se as houvesse, e merecem os nossos louvores os rapazes empreendedores que tomaram sobre os seus ombros a iniciativa, audaciosa para o nosso meio, de fundar o referido estabelecimento, onde, num ambiente artístico, longe dos cuidados de que é feito o dia da existência humana, se passa uns momentos agradáveis, arriscando em tal empresa os seus capitais, que facilmente, noutra qualquer indústria, teriam uma melhor remuneração.

E se acima demonstramos, duma maneira exuberante, a necessidade da existência do *Galo de Ouro* como ponto de concentração—chamemos-lhe assim—dos estrangeiros que nos visitam e procuram o prazer, também temos demonstrado em artigos anteriormente aqui publicados que os que trabalham, os que vivem do seu pão ganho dia a dia honradamente, precisam também dumas horas de prazer que lhes torne mais leve o fardo da existência e que só no *Galo de Ouro* podem encontrar essa situação sem prejuízo moral ou material.

A que propósito vêm, pois, as campanhas que contra o *Galo de Ouro* se esboçam?

Alguns dos contemplados no nosso 5.º Concurso



Da esquerda para a direita e de cima para baixo: De Lisboa: — Izaura G. Braga, Acácio Rosa, António Barreira, Américo Jorge Nobre, Lídia Rodrigues Lourenço, Alice Matos Casaca, Carlos Fernandes, Manuel de Carvalho, Gabriel da Costa, José Francisco Bento Martins, Augusto Rodrigues, José Pereira Marques, Ivonne Mafrá, Alvaro Ramos, Abílio da Costa Pelónio. Do Porto: — Júlio de Sousa, Arlindo Marques Leal, José F. Guimarães, Eduardo de Abreu, Maria dos Remédios, Abílio de Magalhães Barbosa, António Pinto, António Carneiro, Manuel José da Costa Júnior. De Coimbra: — José Júlio Faustino, Virgínia de Jesus Bento, Manuel Alves Sereno, Maria dos Santos, José Alves Barata, José Delgado Silva, Ricardo A. Barros, Luiz da Costa Silva, José de Abreu, J. Tomaz Rebelo, Luiz G. Alves Martins, António Gonçalves, António de B. Amaral, José Lopes de Neiva, Américo Martins Velindro, Domingos Pereira, Fernando Sebastião, Tomázia M. F. Faustino, João A. Ferrão, José Pereira, António dos Santos, Maria Isabel S. Neves, António Abrantes, Mário Barcelos, Maria A. B. Chiebor, António Freitas Lebre de Castro, Adriano S. Loureiro, Manuel A. Passinha, Victor P. de Sousa, de Lisboa.

Relação dos premiados na 5.ª Batalha Naval do «Reporter X»

Lisboa

Senhas contempladas: com Esc. 500\$00: n.º 10851; Esc. 200\$00: n.º 9905; Esc. 50\$00: n.ºs 4003 — 5038 e 10467; Esc. 20\$00: n.ºs 1754 — 4242 — 4704 — 6705 — 7078 — 7984 — 7924 e 10195; Esc. 10\$00: — 813 — 1480 — 2272 — 2575 — 3139 — 3724 — 4387 — 4524 — 4657 — 5274 — 5370 — 5666 — 6790 — 6795 — 6916 — 7078 — 7424 — 7981 — 8158 — 8287 — 8853 — 9366 — 9885 — 10820.

Porto

Senhas contempladas: com Esc. 500\$00: n.ºs 331 — 2086 e 2258; com Esc. 50\$00: n.ºs 1848 e 228; com Esc. 20\$00: n.ºs 18 — 239 — 256 — 948 — 937 — 1414 — 1674 — 2007 e 2887; com Esc. 10\$00: 68 — 242 — 271 — 402 — 423 — 451 — 899 — 906 — 1015

—1476 — 1526 — 1578 — 1688 — 1761 — 1802 — 2104 — 2166 — 2349 — 2373 — 2398 — 2654 — 2658 — 2734 — 2846 — 2959 — 3157 — 3226 — 3283.

Coimbra

Senhas contempladas: com Esc. 500\$00: n.ºs 552 — 907 — 1735 — 2464 — 2846 — 2967 (a importância deste prémio será sorteada entre essas senhas); prémio de Esc. 20\$00: n.ºs 212 — 369 — 429 — 475 — 954 — 1221 — 1371 — 1394 — 1413 — 1524 — 1539 — 1558 — 1887 — 1984 — 2028 — 2077 — 2172 — 2239 — 2599 — 2523 — 2668 — 2726 — 2957 — 2965 e 10866.

Provincia

Senhas contempladas: com Esc. 500\$00: n.º 3226; Esc. 200\$00: n.º 3447; Esc. 20\$00: n.ºs 3392 — 55980 — 6444 e 18057.

Disposição da 5.ª Batalha Naval do REPORTER X

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

No próximo número daremos mais amplas informações sobre o nosso número do Natal

Mais 10 contos em prémios

36 páginas a côres com reportagens de grande

sucesso, muito ilustradas e um cuidado aspecto gráfico.

Ainda os cativos Falámos recentemente em empresários que são verdadeiros sultões... de cativos... Muitos dos nossos leitores ignoram esse ilusionismo teatral — uma das causas essenciais da grande e horrível crise... Um trust — existem vários — consegue arrematar a exploração de vários teatros, e o seu primeiro gesto é fixar os seus cativos, ou seja um certo número de plateias e camarotes, que devem ser os primeiros a vender-se na bilheteira e dos quais o empresário que sub-aluga o teatro ao trust ou o explora de sociedade com ele ou não recebe um centavo. Um exemplo: o trust A... alugou o teatro X ao empresário Z nas seguintes condições: 12 por cento das receitas brutas e cativos. Mas, além disso, o empresário Z necessitou associar-se ao trust para explorar uma peça. O trust recebe 40, 50 p. c. da receita. A peça caiu. O empresário Z perdeu trinta, cinquenta, cem contos, mas o trust ganha sempre: ganha os 12 p. c. das receitas e os seus cativos, que totalizam, por noite, um mínimo de 800 escudos infalíveis, visto que são os primeiros a vender-se, como já dissemos. E muitas vezes o empresário perde... precisamente porque lhe faltaram esses bilhetes, com o produto dos quais ter-se-ia equilibrado.

E raro é hoje o teatro em Lisboa que não tenha uma soma de 500 a 1.000 escudos de cativos! E não haverá forma de meter estes trusts na ordem? Pelo menos que os proibissem de falar em crise!

Contas de saco... As sociedades anónimas são, na sua

maioria, uma ratoeira onde os incautos vão deixar o dinheiro, sem que os burlados tenham o direito a reclamar. Quem ganha com as sociedades anónimas? Quem lhes recolhe os lucros? A primeira vista parece que deveriam ser os seus donos, os accionistas. Mas não sucede assim. São sempre os directores, que sabem fabricar as maiorias na assembleia geral.

Um exemplo: Uma grande companhia, a C.N.N., aprovou há quasi um ano o último balanço, do qual



T S F... X

constava que tinham sido distribuídos alguns milhares de escudos para gratificação ao pessoal e dividendo aos accionistas.

Pois a-pesar-de estar no balanço e de ter sido aprovado na assembleia geral, nem uns nem outros receberam cinco reis.

A assembleia geral, onde os directores têm sempre maioria, lá estará para os cobrir e... salvar a honra do convento.

Artistas des-empregados

Os artistas musicais portugueses estão atravessando, como muitas outras classes, uma crise gravíssima. Por isso o governo resolveu — e muito bem —, tentando pôr um dique à fome que ameaça subverter tanto lar, não permitir a vinda de artistas estrangeiros, enquanto não fosse delibada a crise, e dificultar a substituição dos artistas por música mecânica.

Mas... Há sempre um desejo da ganhuça acin-mas nestas coisas, como há sempre quem ponha o na dos interesses da colectividade e do espírito da lei.

E' o caso da Empresa do Tivoli, que fechou contratos com perto de 200 artistas espanhóis, tchecos e de outras nacionalidades, que successivamente darão espectáculos naquela casa.

Porque se não cumprirá a lei dando trabalho a tantos e tantos artistas portugueses que, a continuarem as coisas assim, se verão em breve obrigados a estender a mão à caridade? Se não tivéssemos bons artistas, compreendia-se. Se o público não acorresse aos seus espectáculos, com-



preendia-se também. Mas assim não sucede, e os concertos das últimas épocas, no mesmíssimo Tivoli, são mais um facto a dar-nos razão.

O Porto quer... «quinar»

Já por mais duma vez desabafámos, com esse indiferentismo pelas moralidades lugar-comum e pelos convencionalismos fisiográficos que nos caracteriza, o que pensamos dos jogos em geral. Não nos interessa, directa ou indirectamente, a matéria. Pessoalmente, detestamos todos os jogos — até a bisca em família —, não por virtude mas porque nos aborrecem como uma conferência sobre agricultura ou em defesa dos direitos da mulher. Não temos nada a lamentar sobre o actual estado de coisas, no que se refere ao assunto. Não nos impressionam os que se arruinam na roleta, nem nos comovem os que se suicidam por causa do *baccara*. Não sabemos distinguir entre os que arrambam um cofre para jogar e os que fazem o mesmo para beber ou para pandegar. O nosso máximo lamento é o de... «Fatalidades da Vida!» Existe tanta miséria, tanta fome, tanto drama, tanta lagrima fóra do jogo, que nos merecem compaixão, que não nos interessa os que se desgraçam porque jogam. Como negócio, se vemos grande disparidade entre um empresário de roleta e certos industriais, certos banqueiros e certos comerciantes, ela só resulta favorável aos primeiros...

Ora, se não nos interessa o grande jogo — a roleta, o *baccara*, a banca francesa — menos nos apaixonamos o «pequeno», o «quino»... Portanto não vamos apreciar se deve ou não ser consentido esse pequeno jogo de feira, embora o tenhamos como distração barata, inofensiva, universal e até útil numa terra como a nossa, onde todos nos aborremos e nos neurastemizamos por falta de divertimentos.

E' um mal?

E' um bem?

Nós não jogamos, nunca o vimos jogar, mas não nos consta que ninguém se suicidasse por perder cinco mil reis ao «quino»; e em compensação, o «quino», prendendo uma noite inteira centenas de rapazes, evita-lhes... outras distrações e outros gastos maiores e mais perigosos, dá pão a dezenas de famílias e mitiga muita fome, visto que a Assistência recebe do «quino» uma receita de centenas de contos anuais.

Escreve-nos um «Tripeiro que se aborrece» e diz-nos o seguinte:

«O «Lido», no Passos Manuel, era das poucas distrações que nos restavam e também a única onde um forasteiro, um estrangeiro, habituado à civilização, podia passar uma noite agradável, num ambiente cómodo, moderno, artístico mesmo. Pois até o «Lido» vai fechar, porque só com essa receita (da qual saíam dezenas de contos para os pobres) se podia manter. Então as leis que governam Lisboa e o resto do país não são as mesmas que governam o Porto? O Porto tem fronteiras?...»

Repetimos: nunca fomos ao «Lido»; ignoramos se o «Lido» é assim como o descrevem, ou não; mas, ou muito nos equivocamos ou a lógica do nosso correspondente... é lógica de verdade. O contrário não faz sentido...

Jornais e jornalistas

E' uma velha aspiração dos profissionais da imprensa, esses forçados da pena que dia e noite, hora a hora, vivem todos os acontecimentos, tem um dia de descanso completo, como sucede a todos os mortais, desde o meu barbeiro ao mais pobretana e miserável dos proletários. No Porto essa regalia mantem-se e bastantes lutas tem havido para que ela não desapareça. Em Lisboa só os jornais da noite se não publicavam um dia da semana, que era o domingo, tendo-se ventilado o assunto nas colunas das *Novidades*, que numa jus-



O Angola e Metrópole na literatura

UMA CARTA DO SR. DR. NÓBREGA QUINTAL SOBRE O ÚLTIMO LIVRO DE ALVES DOS REIS

Do nosso prezado amigo e distinto advogado sr. dr. Nóbrega Quintal recebemos a carta que abaixo publicamos, a propósito do que aqui escrevemos sobre o último livro de Alves Reis. Segue a referida carta:

Meu caro Costa Júnior:

Você, como sempre, interpretou muito bem o que lhe disse quando pediu a minha opinião sobre o livro de Alves dos Reis. Há, porém, um ponto em que talvez eu não me tivesse feito compreender e que peço licença para aclarar. E' aquele em que eu teria dito que Alves dos Reis, só porque se arrependeu, não merecia perdão. Ora eu entendo precisamente que Alves dos Reis



Alves Reis

não cometeu um crime imperdoável. Ele cometeu — sempre o proclamei! — um crime que nada tem de repelente, que foi inspirado por um alto objectivo patriótico, que não ofendeu a sensibilidade média, que não repugnou à maioria do país.

Do que discordo é da tese do seu recente e interessantíssimo livro sobre a influência da religião na moral individual.

Alves dos Reis, confessando o seu crime, como sempre lho aconselhei, redimiui-se, sobretudo da infâmia de ter acusado innocentes. Fe-lo por se ter convertido? Eu direi que foi o seu fundo moral que despertou nele, na hora invidável da sua confissão em Santa Clara.

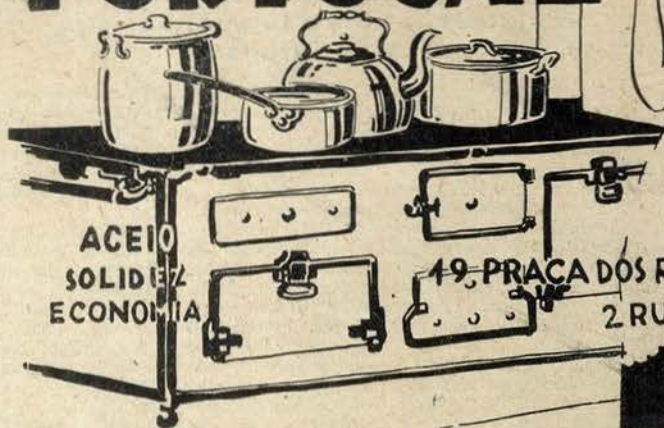
Não duvido, porém, da sinceridade das novas crenças de Alves dos Reis, condenado a uma pena que não merecia. E dá-se até esta coisa curiosa: quando banqueiro, Alves dos Reis não era católico. Até nisso fazia diferença dos nossos conceituados banqueiros, que são católicos por dever de officio e subsidiam igrejas para o povo ter um freio, na dura expressão dos nossos conservadores, e não lhes assaltar os Bancos...

Um abraço do amigo e admirador

(a) Nóbrega Quintal

(Continua na pag. 18)

PARA CARVÃO E GAZ FABRICA PORTUGAL



DEPOSITOS

49, PRAÇA DOS RESTAURADORES 57

2, RUA FEBO MONIZ 20

CAMAS DE FERRO
CAMAS DE METAL
COLCHÕES DE ARAME * COLCHOARIA
LAVATÓRIOS * COFRES FORTES

**Fogões
esmaltados**

para lenha,
carvão e gaz

Ultima maravilha das cozinhas pela sua

Este magnifico fogão é construído para queimar carvão e lenha, podendo-se no entanto aplicar, caso o cliente assim o deseje, um dispositivo para o consumo de gaz.

BELEZA, ACEIO E ECONOMIA

FOGÕES À GAZ DESDE 100\$00

FÁBRICA PORTUGAL

Rua Febo Moniz, 2, 20

LISBOA

ELEGANTES MOBILIAS DE
QUARTO, EM FERRO

Salas de exposição e vendas:

N. 4671 — Rua Febo Moniz, 2, 20

2 4948 — Praça dos Restauradores, 49-57

N. 3376 — Av. da República e Elias Garcia

N. 3377 — Rua da Graça, 82-84-86

Visite os nossos salões de exposição



Este fogão para gaz é um dos últimos modelos da Fábrica Portugal, e devido à sua magnífica qualidade e pouco custo, tem tido grande venda.



...tomou parte na revolução russa...

Os americanos, orgulhosos de possuírem todos os records mundiais, não-deter pena de que ele seja de nacionalidade alemã. Eles disputam à Europa o título do maior criminoso do mundo com tanto entusiasmo, com tanto *elan* como nos Jogos Olímpicos lutam pela supremacia em todos os desportos. O facto de Peter Klems ser cidadão alemão deve causar-lhes um desgosto enorme. É que Peter Klems pode considerar-se o homem mais guerreiro do mundo. A Portugal cabe a honra de ter feito estrear Peter Klems na carreira das armas. Foi pela guerra do Cuamato, quando Alves Roçadas, à frente das tropas metropolitanas, dominou e reduziu à impotência os indígenas do interior de Angola, que forças misteriosas e ocultas levaram à revolta contra a soberania lusitana. Peter Klems era então um jovem alemão dos seus vinte anos, aproximadamente. Um dia apresentou-se ao comando das colunas portuguesas. De onde vinha? Não se sabe ao certo, visto que as suas declarações nunca foram de fiar. Queria alistar-se nas hostes portuguesas porque, afirmava ele, constando que eram alemães que fomentavam a revolta ele queria, com o sacrifício da própria vida, provar o contrário e lutar, enquanto tivesse alento, pela soberania de Portugal. Alves Roçadas escutou-o com atenção, acreditou na sua sinceridade, alistou-o e notou em breve que Peter era de uma bravura, de um

O homem mais guerreiro do mundo

Na guerra do Cuamato—A primeira traição—Na Prússia Oriental—Herói do exército vermelho—Braço direito de Wrangel—Em Ceuta—Do outro lado da trincheira—Herói do exército francês—No Estado Maior de Abd-el-Krim—Condenado à morte, mas...—Uma fuga audaciosa—A interrogação do futuro.

heroísmo inexecíveis. Durante meses o alemão não fazia senão arregar no espírito dos portugueses a confiança que logo de começo inspirara. Deram-lhe o comando de uma companhia indígena; fez prodígios. E um dia, um dia..., após um reconhecimento, desapareceu. Os indígenas do seu comando não souberam explicar a sua desapareição. Deram-lhe baixa como desaparecido, talvez tivesse caído em alguma cidade, coitado... Só mais tarde se soube que ele se passara com armas e bagagens para os revoltosos e empregava tanto ardor no combate aos portugueses como na repressão aos rebeldes.

Peter Klems traçara com esta sua primeira aventura, aos vinte anos, o seu destino acidentado, cheio de imprevisto e aventura. Terminada a guerra do Cuamato fez-se silêncio sobre esse jovem estrangeiro e o seu nome só voltou a ser pronunciado mais tarde, durante a guerra europeia, quando ele na frente oriental alemã cometia heróicas imprudências contra a terrível avalanche que foi a invasão dos russos na Prússia. O seu nome foi citado e louvado nos boletins de guerra, o peito constelou-se-lhe de medalhas e os braços de divisas. Era um herói nacional. E quando o futuro se lhe abria por uma carreira militar sem limites, com grande surpresa dos seus compatriotas, a sua figura gigantesca e feroz ergueu-se do outro lado da trincheira, batendo-se como um leão pela causa dos aliados, entre os cossacos temíveis. Traidor!

Traidor? A palavra traidor, para Peter Klems não passa de uma palavra. Ele não se bate por uma causa, por uma ideia, por um sentimento nobre. Bate-se porque nasceu para se bater, porque a sua alma só vibra na chacinca e no sangue, porque a sua alegria atinge o delírio na febre das grandes refregas.

Veio a Revolução Russa e a contra-revolução de Wrangel e Denikine, os generais tsaristas que lutaram até à última pelo império tradicional. Quem apoia os revolucionários? Quem, com as divisas de coronel do exército vermelho, inflinge maiores perdas a Denikine? Peter Klems, o herói, o ídolo vermelho.

Mas depressa se aborrecu de tanta glória. E não tardou em aparecer do outro lado da barricada, braço direito de Wrangel, cometendo arrojados para os quais só um louco teria ânimo. Wrangel foi derrotado, refugiou-se em Paris. Peter Klems desaparece para surgir em Ceuta a alistar-se no «Tercio Extranjero» para combater os rifenhos comandados pelo célebre Abd-el-Krim.

Miguel Capuz, jornalista espanhol, descrevia assim, numa crónica publicada recentemente, a sua chegada às repartições do Corpo de Ceuta: «Era um homem alto e musculoso. Marcavam-se profundamente no seu rosto os estigmas do cansaço e da fome. Deu uma filiação mui alemã e mui vulgar: Erich Müller, de Colónia.» Este faminto era Peter Klems.

Alistaram-no. Logo aos primeiros contactos com as cabilas mouras mostrou um valor excepcional. Quando, em 1921, se produziu a reacção espanhola contra as derrotas infligidas pelos mouros, todos os Corpos Expedicionários foram heróicos, mas a Legião Estrangeira esteve acima de todos. Pois o homem que mais se destacou foi Peter Klems, isto é, foi ele o maior de todos os combatentes. Subiu de posto, chegou a sub-oficial, recebeu os elogios a que ele já estava habituado e pareciam não exercer na sua alma a mínima influência — até que um dia faltou.

Descobriram-no à frente de uma cabila moura sempre heróico, sempre terrível, combatendo os seus camaradas da véspera. Os espanhóis chamavam-lhe «el maldito alemán» e os rifenhos, por sua vez, não tinham grande confiança nêle. E tinham razão, como se vai ver.

A França envolve-se na contenda marroquina e junta os seus esforços aos de Espanha para esmagar as aspirações de liberdade dos rifenhos. E quem se apresenta em Rabat, em Fevereiro de 1922, para se alistar na Legião Estrangeira do Exército Francês? Peter Klems. É infatigável. O seu valor militar assombra os franceses, concedem-lhe privilégios, todos o estimam e adulam... E ele torna a desaparecer. Os franceses consideram-no desertor. Tentam perseguir-lo, capturá-lo, mas nada conseguem. Peter Klems a essa hora está conferenciando com Abd-el-Krim, homem superior, que o compreende e aproveita. O chefe rifenho nomeia-o chefe do Estado Maior das forças de Beni Urriague, com a promessa de que o nomeará ministro dos estrangeiros perpétuo da futura República do Rif. E Peter Klems actua como chefe técnico — e de uma técnica temível — das suas tropas até à rendição de Abd-el-Krim.

Depois da derrota refugiou-se nas montanhas com um grupo de rebeldes tenazes e durante meses hostilizou franceses e espanhóis, até que alguns rebeldes traidores o prenderam e entregaram aos franceses. Foi condenado à morte. Pressões diplomáticas alemãs, porém, alcançaram-lhe a comutação da pena para trabalhos forçados. *La Martinière*, o navio francês que transporta os forçados da França e norte de África, levou-o para a Guyana, em Fevereiro do ano findo. Dir-se-ia ter findado a estupenda odisséia deste homem. Pois não acabou. Há dois meses foi visto em Las Palmas. Tinha fugido. Para



Peter Klems, o homem mais guerreiro do mundo.

onde dirigirá seus passos o maior guerreiro do mundo, o que atraiçoa, sem proveito material, só pelo prazer de melhor se expor nos combates difíceis?

Terá ele voltado o seu olhar para o Extremo Oriente, onde chineses e japoneses se combatem? Tudo é de esperar desse homem extraordinário.

OS MELHORES



EM MASSA

ALVAIADES

Depositários Gerais para Portugal e Colónias:

CARLOS CORREIA & C.ª Lda.

Rua Mousinho da Silveira — PORTO

TEATRO TRINDADE

TELEFONE 22071
TODAS AS NOITES Companhia
Lucilia SimõesA's 9 1/2 da noite GRANDE ÊXITO
Peça original de D. Fernanda de Castro

Escola de maridos

Brilhante desempenho de toda a companhia
Todas as noites no TRINDADE

Escola de maridos

O «Café Chave de Ouro»

Um estabelecimento que honra uma cidade

ENTRE os estabelecimentos similares de Lisboa, destaca-se o «Café Chave de Ouro», o magnífico e confortável estabelecimento do Rossio. Fundado em 1917 por um grupo de conhecidos comerciantes da nossa praça, tem este interessante estabelecimento marcado as etapas do seu progresso por cada dia que passa, a ponto de ser hoje um dos preferidos pelos frequentadores de «cafés» e pelos amadores da deliciosa bebida.

É natural que assim seja. Na visita que aquela casa fizemos, encontramos a justificação cabal da preferência que o público lhe dedica. O seu salão de bilhares, que agora reabriu, o mais amplo de Lisboa, completamente remodelado e óptimamente apetrechado, confortável, com 26 bilhares, é o lugar preferido pelos nossos campeões daquele jogo. O serviço de «restaurant», há pouco inaugurado, é do melhor que Lisboa tem.

Por preços módicos, acessíveis a qualquer bolsa, têm os frequentadores do «Café Chave de Ouro» óptimas refeições, estando para ser brevemente inaugurado o serviço de venda de café a retalho, secções estas que justificam que seja aquela casa a preferida do escolnido público que a frequenta.

Também a qualidade do pessoal que atende os frequentadores do «café», do «restaurant» e dos bilhares alguma coisa contribui para que os seus frequentadores se sintam bem e reconheçam a utilidade, uma vez que ali vão, de não procurar ou-

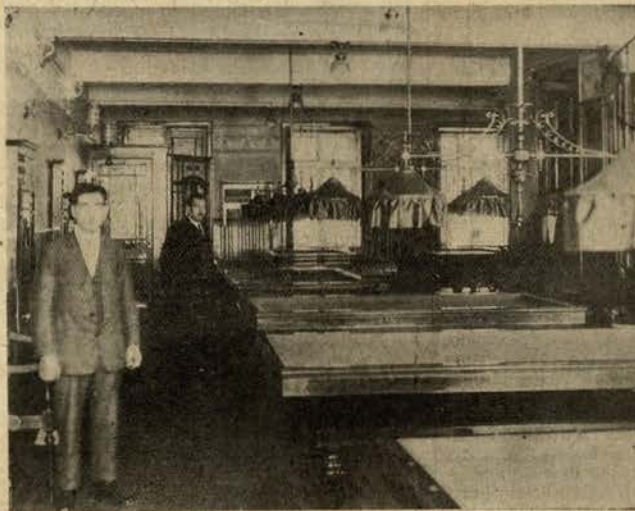
tra casa. Devido aos esforços do gerente do «Café Chave de Ouro» a pessoa a todos os títulos

simpática e amável, o pessoal por ele indústriado é solícito, amável, dedicado aos seus fregueses.

Por isso o «Café Chave de Ouro» tem fama de ser uma escola para os seus empregados.

Uma outra secção notáveis na nossa visita, a qual merece, também, os nossos elogios. Referimo-nos à Tabacaria do «Café Chave de Ouro», onde, por preços módicos, se vende tudo quanto interessa a este género de negócios, onde há sempre os melhores jornais e revistas estrangeiros, as maiores novidades em discos, etc. e um pessoal amável, sempre disposto a bem servir os clientes, como todo o restante pessoal da Empresa do «Café Chave de Ouro».

Depois de feitas estas considerações, ninguém se admira do êxito da referida Empresa.



Gandhi, o homem mais feio do mundo

(Continuação da pag. 10)

das por estudantes dos países latinos, a alta grita substituiu quase sempre a força esmagadora do argumento. Aos latinos juntavam-se muitas vezes os índus, egípcios, russos, arménios e turcos. Havia os avançados, com salpicos de anarquismo, os nacionalistas ardentes, os que detestavam o imperialismo e os *leaders* da opinião revolucionária da Rússia. Pois o único que conseguia pôr harmonia naquela Babel era Ghandi — então um fedelho —, com a voz lenta, um pouco fanhosa, mas de inglês de construção demasiado perfeita. Com os seus pensamentos filosóficos e os seus argumentos irrefutáveis lograva fazer calar toda a gente. O peçoço parecia querer sair para fóra da camisa demasiado larga, as orelhas, de cartilagens transparentes, dir-se-iam asas de um animal estranho. Quando ele tomava a palavra todos sentiam a necessidade de escutá-lo em silêncio, fascinados desde as primeiras frases.

Nesse tempo em que Ghandi se vestia com certa elegância europeia e o seu físico não apresentava o aspecto caricatural de agora, o mundo desconhecia-o e as suas palavras profundas não ultrapassavam as quatro paredes do restaurante do italiano Pugioli. Hoje que é o homem mais feio do mundo, que adoptou a indumentária mais deslembada, mais anti-britânica que se pode conceber, hoje que tece com as suas próprias mãos a túnica que enverga, é adorado por um povo inteiro e olhado com respeito por toda a humanidade. A força irradiadora da sua bondade e do seu pensamento é tão absorvente, tão obcecante, tão contagiosa que até uma mulher, uma linda intelectual inglesa, uma poetisa de talento, Lady Madeleine Slade, abandonou a Inglaterra, a sua religião, o seu luxo, o seu lar, o seu nome europeu, o seu próprio idioma, para, fascinada por aquele espírito de eleição — apenas pelo seu espírito —, o seguir por

toda a parte, com o nome de Mira Bey, com uma túnica tecida por suas mãos, lendo passagens dos Vedas, colhendo o leite de cabra — único alimento do seu mestre — e lutando como ele contra a Inglaterra, pela libertação da Índia.

Não há no mundo riqueza de milionário nem beleza de «*ás*» cinematográfico capazes de operar na consciência mundial metamorfoses tão profundas como as que já alcançou Ghandi, o homem mais pobre e mais feio do mundo.

Quem nos dera a sua pobreza e a sua fealdade!

O herói da espionagem

(Continuação da pag. 12)

lhe repugnava a batalha e a hipótese de matar os seus semelhantes ou porque ao seu temperamento agradasse mais defender a França de um modo menos banal e mais espiritual e individualista — o facto é que um dia dirigiu-se à Prefeitura e, pedindo para falar ao comissário Gasset — o agente de ligação dos serviços secretos entre o Ministério da Guerra e a policia —, ofereceu-se como «*espiá voluntário*». A sua sinceridade, a sua ingenuidade e o ineditismo da sua oferta interessaram o comissário. Telefonou para o sub-chefe dos serviços, que era, nessa altura, Lucien Levy. Este mandou-o aguardar um dia e informou-se bem sobre quem era o pretendente estrangeiro — e logo dum país simpaticamente, aliado a Inglaterra, mas neutro. O inquérito foi-lhe favorável. Por toda a parte confirmaram os seus bons costumes, a boa ascendência, o seu amor à França... Foi aceite, recrutado, fichado... Quiseram fixar-lhe um ordenado. Recusou-o com altivez — aceitando apenas o que as despesas provisionais lhe exigissem. Surpreenderam-se de tal desinteresse. Todos os chefes o quiseram conhecer: era então o Benjamin da espionagem — o mais jovem dos espies. Encarregaram-no, a médo, do primeiro serviço — o da experimentação. Era necessário saber qual o local exacto da

fronteira holandesa que os alemães usavam de preferência no contacto com a sua delegação de espionagem de Haya. O objectivo era o de poderem surpreender, à entrada e à saída, os indivíduos que depois fôsse necessário espiar nos países aliados, e ainda o de não se perder tempo em qualquer violência que fôsse necessário cometer...

Xavier recorda-se da data em que, afogueado como um colega, correu do Ministério da Guerra para a «*Gare du Nord*» para seguir para Cherbourg e em Cherbourg tomar um vapor que o conduzisse a Rotterdam: 5 de Outubro de 1915. Deram-lhe três semanas para amellar os dados necessários. Regressou no fim de uma semana — rejubilando: não só trazia o que os chefes necessitavam — como... Um espirro sonoro interrompeu o discurso. — «*Constipou-se na viagem?*» — indagámos. — «*Não foi na viagem: foi na escada de serviço de uma casa em Colónia, onde passei toda uma noite — sem chapéu nem sobretudo!*» — «*Como? Você esteve na Alemanha? Ousou entrar?*» — «*E sair!*» — respondeu...

(Continua)

REPORTER X

Medicina Dentária Dr. Teixeira Coelho

Membro de várias Sociedades Científicas do Estrangeiro

DIPLOMADO pela Universidade de Coimbra e Faculdade de Medicina de Lisboa. Especializado em Bruxelas. Dignitário de várias ORDENS. Extracção de dentes ou raízes, sem dor, desde 10\$00. Obturações temporárias desde 10\$00. DENTADURAS COMPLETAS desde 200\$00. PREÇOS MAIS BARATOS QUE NAS POLICLINICAS. ESPECIALIDADE EM DENTADURAS INQUEBRÁVEIS Calçada do Jogo da Pela, 4 (esquina da Rua do Socorro, em frente da Rua da Palma). CONSULTAS GRATIS AOS POBRES. EXTRACÇÕES DESDE ESCUDOS 25\$0

Uma fortaleza que pode resistir a todos os exércitos

(Continuação da pag. 6)

segredos, tão vigiada, tão científica que o mais poderoso exército, empregando todos os recursos modernos — canhões monstros, explosivos potentíssimos, aviões e «tanks» —, talvez não conseguisse violá-la, mesmo ao cabo de semanas e meses de luta titânica...

E' natural, pois, que o Banco de França guarde o mais hermético segredo sobre os mistérios da sua defesa, já lendária como uma obra salomónica. Mas quando maior é o segredo maior é a curiosidade dos repórteres. Um jornalista inglês, redactor do *Sunday Referee*, propôs-se radiografar esse mistério — e eis o que ele revelou na sua gazeta, ao regressar dos subterrâneos do Banco de França.

«O enorme tesouro do Banco de França — único no mundo — (diz o citado repórter) é guardado, noite e dia, por brigadas de 50 homens, cada, armados, que se revezam; e a primeira muralha que cerca aqueles Pirineus de ouro é feita em cimento, com uma couraça de aço — sendo a sua espessura de 4, m 50. Entre os milhões de lingotes de ouro ali amontoados, amalgamam-se a corôa imperial inglesa, os leões espanhóis, as águias bicéfalas da Alemanha, as cruzes ortodoxas da Rússia czarista, as estrelas dos E. E. U. U. e vários escudos das moedas de ouro de príncipes indianos arquimilionários que abandonaram parte das suas fortunas em Paris. As caves do Banco estão à prova das bombas lançadas por aviões, dos obuzes, do fogo e do roubo. A descida é efectuada por *wagonnettes*, por um caminho especial; e a aproximação de um novo carregamento ou de um simples funcionário provoca, lá baixo, um movimento activíssimo de guardas e máquinas. A menor aproximação põe em alarme toda a vigilância — graças a vários expedientes mecânicos, verdadeiramente engenhosos.

«Quando um alto funcionário necessita entrar na fortaleza do ouro, é cercado por um numeroso grupo de guardas — cada um dos quais está encarregado de abrir esta ou aquela secção do labirinto. Se faltar a guarda — torna-se impossível a visita, posto que a falta de uma chave basta para tornar todas as outras inúteis. A seguir a essas caves abre-se uma galeria que desce através duma autêntica rocha, sob a qual corre um pequeno rio subterrâneo — para impossibilitar qualquer visita importuna que tente a invasão por esse lado. A'

medida que descemos, vemos irradiarem, bifurcaram novas galerias, muralhadas de aço. E' preciso passar por quinze portas metálicas — algumas das quais pesam 12 toneladas. Chega-se por fim ao reino do ouro. Circulam dezenas de *wagonnettes* sobre rails, que algumas mulheres estão constantemente a limpar. Em todos os cantos se espeçam novos guardas, atentos a todas as anormalidades — princípios de incêndio, citadas engenhosas de gatunos. Mas se o alarme fôsse dado — a policia, os bombeiros, todo o pessoal do Banco seriam avisados graças a centenas de campainhas, luzes vermelhas e sinais especiais. Se um gatuno genial e milagreiro conseguisse entrar, e escapar, depois, do reino do ouro, imediatamente se abriam verdadeiros diques que inundariam essas galerias, e verdadeiros dilúvios de areia encheriam as outras — ao mesmo tempo que, por canalizações especiais, núvens de gás e de vapor de água derrubariam não só um gatuno mas muitas quadrilhas de malfeitores. Todas as eventualidades estão previstas. O Banco possui reservas de carvão, de energia eléctrica, reservatórios de água e galerias secretas — suficientes para se defender de todos os perigos.»

Depois desta narrativa é caso para perdermos as esperanças da compartilhar dos imensos tesouros do Banco de França... Estão verdes...

QUANTO CUSTA UM "FILM-FÉERIE"

(Continuação da pag. 7)

dos quadros, o tipo das canções que deseja. Cada compositor ganha de 200 a 1.000 dólares semanais; e como o seu trabalho dura 8 semanas, em média, só lhes levam 40.000 dólares do orçamento! E sem contar com os lucros da venda das suas canções que se popularizem, o que lhes pode render um milhão ou mais! A seguir, a orquestração — experimentada, primeiro em discos, depois nos ensaios, e, por último, na filmagem. Este trabalho emprega 40 pessoas que ganham em média 5 dólares por hora e que custa, no fim do film, um montante de quasi 2 mil dólares! Cada film exige perto de 100 canções, das quais só se aproveita metade! As danças são realizadas por 100 girls e boys. Os seus salários são de 60 dólares semanais. Uma corista portuguesa ganha, em média, 10, 12, 15 escudos por noite, o máximo. Agora que se visiona o que custam os mais célebres e caros corpos de baile da Europa e da América, os mais famosos cantores, os cómicos, os clowns, os números da *music-hall* ainda por estrear, que são contratados especialmente para as *féeries*, que vêm de Paris, Londres, New York, até de Buenos Aires, só para filmar uma cena, cada um!

A selecção de girls também é rigorosa. Para cada grupo de 20 ou 30, o realizador chama 100 ou 200, entre as quais só escolhe as... melhores — pudera! O guarda-roupa, além dos desenhadores, modistos de renome, de técnicos, de especialistas contratados a preço de ouro, emprega 300 indivíduos de ambos os sexos. Uma *toilette* de fantasia fica por 50 a 150 dólares. Alguns mais pretenciosos, atingem 600 a 700 dólares. Os trajos do *Rei do Jazz* ficaram por 50.000 dólares! As estrelas de drama e comédia que entram nas *féeries* levam 20 por cento da despesa total! As cenas coloridas não ficam nunca por menos de 50 mil dólares! Os 90 engenheiros, técnicos e operários exclusivamente dedicados ao som gastam 25 mil dólares em cada film! E se acrescentarmos a esse dilúvio do ouro os 1.000 dólares de despesas gerais, ou sejam de *pequenas despesas* que uma revista custa diariamente ao *studio*, e se multiplicarmos essa soma pelo 50 dias que leva a realizar-se uma *féerie* e se contarmos ainda os aparelhos, máquinas, focos, microfones que são necessários, compreendemos que esses films custem, ao todo, 2 milhões e que as mágicas do «Trindade», em 1873, custassem 3 contos!

T S F . . . X

(Continuação da pag. 14)

tificada campanha pugnou pelo descanso dominical.

Várias empresas se fundaram para publicar semanários que no domingo, à noite, dessem ao público o noticiário do dia. Tudo falhou, até essa magnífica iniciativa que eram as *Actualidades*. Verificou-se que o domingo era também o dia de descanso... dos leitores.

Pois o *Diário de Lisboa* quebrou essa regalia dos jornalistas lisboetas e começou, embora sem grande êxito, a publicar-se ao domingo, estando o seu exemplo para ser seguido por outras empresas.

E o que fizeram os jornalistas para defender os seus interesses ameaçados?

... Como de costume encolheram os ombros e continuam a fazer grandes projectos para... o futuro. Justificam assim a opinião daqueles que dizem que os jornalistas, tratando dos interesses de todos, não têm tempo para tratar dos próprios interesses...

Um invento extraordinário

Foi pedida, na repartição respectiva, patente de invenção para um invento extraordinário, que vem revolucionar, de uma maneira decisiva, a vida social dos povos e das nações. Invento tão maravilhoso não podia deixar de ser registado sob o maior sigilo, de modo a que não pudesse acontecer o que com tantos inventos tem acontecido, em que os seus autores são quem menos lucra com o resultado das suas congeminações.

Mas que é o invento tão maravilhoso? Conseguin os sabê-lo após porfiados esforços e ficámos também maravilhados com o magnifico invento, que honra o nosso país.

Acabou-se a neurastenia, acabou-se a tristeza, morreu para sempre o aborrecimento. O invento maravilhoso que vem trazer a felicidade aos homens acaba, para sempre, com a maior doença que aflige a humanidade: a falta de alegria.

Os autores de tão necessário invento, que tanto bem vem fazer à humanidade, são os conhecidos homens de teatro que tiveram a ideia sublime de criar a grande fábrica de gargalhada que é a *Nau Catrînetá*, que se representa e representará por muito tempo no *Teatro Maria Vitória*.

Com tão hilariante revista acabaram-se as tristezas, acabaram-se os aborrecimentos, as más disposições que originam os conflitos, e reina a alegria. A *Nau Catrînetá*, que está sendo aplaudida pela população do país, é o mais maravilhoso invento do nosso século.

Jornais novos

O Espião

Recebemos o primeiro número dum jornal com este título, «semanário de reportagens sensacionais» que se publica no Porto.

Fazemos votos por uma vida longa cheia de prosperidades.

Tribuna de África

Recebemos a visita dêste bem redigido jornal, «órgão nacional e internacional dos africanos», que se publica em Lisboa, e do qual é director o sr. Artur de Castro.

Agradecemos a visita, desejando-lhe vida longa.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!

Um êxito surpreendente

Continuam milhares de pessoas, dos quatro cantos do país, a interessar-se pela nossa iniciativa

Mais 4.000 escudos de prémios em dinheiro

Veja neste número o que será a grande «Batalha do Natal»

NÃO afrouxa, antes se intensifica, o êxito magnífico e extraordinário dos **Concursos KOLOSSOS** do **Reporter X**.

Contam-se por algumas dezenas de milhares as pessoas que, do norte a sul do país, têm correspondido à nossa iniciativa, sendo hoje já as **Batalhas Navais** o entretenimento favorito duma grande parte da população do país. O lema de **Bata-se connosco! Lute até vencer!** tem sido coroado do melhor êxito, podendo afirmar-se sem hipóbole que o nosso concurso, pelo seu interesse, pela confiança que inspira aos concorrentes, pelo número destes, pelo valor dos prémios que já temos distribuído e distribuiremos, marca o **record** dos concursos até hoje feitos pelos jornais portugueses.

Para o Natal, além de outras surpresas, os nossos amigos, leitores e concorrentes, que amigos são todos eles, terão um jornal muito melhorado de aspecto gráfico, grandes reportagens, 32 páginas a cores, sendo **de dez contos** a importância total de prémios a distribuir.

Prepare-se, pois, o leitor com êstes pequenos combates, para a grande batalha que é o combate do Natal.

E agora algumas explicações que são necessárias:

Vários concorrentes nos têm dirigido diversas perguntas, uns por escrito, outros pessoalmente. Naturalmente que não podemos responder individualmente, pois que isso representa grande dispêndio de tempo e de dinheiro e ainda principalmente porque isso se torna desnecessário: tudo quanto os concorrentes dos nossos famosos concursos precisam saber vem no **Reporter X**, bastando somente que leiam com atenção as páginas que ao concurso se referem.

No entanto entendemos dever responder aqui a uma pergunta que insistentemente nos tem sido feita, dizendo que todo e qualquer leitor do **Reporter X** pode concorrer com mais de uma «**Folha de combate**», aumentando assim as probabilidades da sua vitória.

Todas as pessoas a quem tenham saído prémios, escusam de nos escrever a preguntá-lo, pois serão avisadas pelo correio.

E, para finalizar, uma recomendação fazemos a todos os nossos prezados correspondentes: que nos escrevam em letra bem legível, pois que muita correspondência relativa ao concurso não tem o devido seguimento porque se não compreendem os nomes ou as moradas de quem nos escreve.

Serão eliminados todos os concorrentes que não cumpram as indicações publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «**Folha de combate**» que o **Reporter X** publica todas as semanas. **Só serve a Folha do «Reporter X»;**

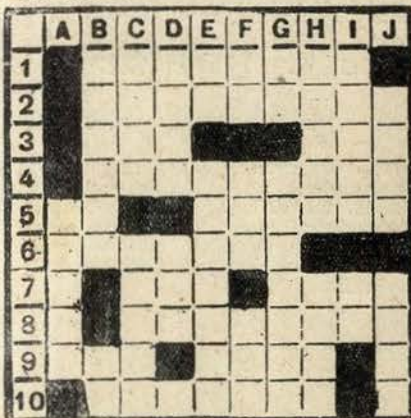
Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «**Folha de combate**».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, do seu **retrato** e do recibo respectivo.

SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE CONNOSCO!

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «**Café Chave de Ouro**», no Rossio; na «**Havaneza do Calvário**», Largo 20 de Abril, 27-28; «**Castela**, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 96; na «**Havaneza do Almirante**», Rua José Falcão, 41-43; Luiz Vicente Antunes, Avenida Luiz Bivar, 58-60; José dos Santos—Capelista, Calçada da Estrela, 245; Académica Pedro Nunes, Avenida Alvares Cabral, 53; «**Tabacaria Ideal**», Rua do Livramento, 52; «**Havaneza da Graça**», Largo da Graça, 99; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope **KOLOSSO**, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como êste:

EXEMPLO:



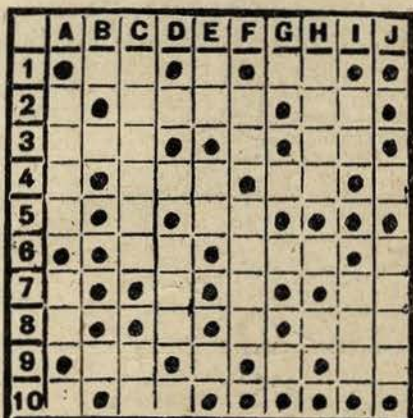
Dentro d'êste rectângulo oculto no envelope, em

posição horizontal ou vertical e separadas umas das outras, o **Reporter X** colocará as seguintes unidades da sua **esquadra**:

- 1 **navio almirante** de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.
- 2 **cruzadores** de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.
- 3 «**destroyers**» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.
- 4 **submarinos**, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta **esquadra**, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLC



Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na «**Folha de combate**» que publicamos todas as semanas. Essa «**Folha de combate**» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às **19 horas da quarta-feira seguinte**, na Administração do **Reporter X**, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «**Folha de combate**», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «**Folhas de combate**» pelo correio, de fôrma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$25 centavos a fim de lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «**Folha de combate**», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes **KOLOSSO** afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patentando as posições da nossa **esquadra**, e o **Reporter X** dêsse dia produzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado dêsse envelope aberto outro envelope **KOLOSSO** surgirá fechado e lacrado contendo as posições da **esquadra** para a grande batalha da nova semana que começa.

(Ver prémios e «**Folha de combate**» na pag. 20)

reporter X

Folha do sétimo combate CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS

Batalha naval do REPORTER X 4.000 escudos de prémios! 4.000 escudos!

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Não perca tempo! Bata-se connosco!

Nome do concorrente

Morada

Número

Localidade

O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração, na Rua do Alecrim, entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

Rápido! Irrefutável! Decisivo!

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco firos**, estão habilitados aos seguintes prémios:

1.º PRÉMIO:

500 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio receberão **50 escudos**, cada, como prémio de compensação.

2.º PRÉMIO

200 escudos

É entregue ao concorrente que **maior número de firos acertar**. No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem **uma compensação de 20 escudos**, cada um.

3.º PRÉMIO

100 escudos

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade**. Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo, em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem bafejados pela sorte.

4.º PRÉMIO

100 escudos

Caberá ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades**. Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação **de 10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

5.º e 6.º PRÉMIOS

50 escudos, cada

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades**. Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciámos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

Lêr dentro a grande
surpresa do Natal